

# ELEMENTOS FICCIONAIS DO MODO FANTÁSTICO EM NARRATIVAS ESPECTRAIS PSEUDOCIENTÍFICAS

André de SENA

Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).  
Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).  
E-mail: bosquesdamoira@gmail.com

## **Resumo**

O presente artigo tenciona explorar os imbricamentos com a ficção presentificados nas narrativas espectrais de cunho pseudocientífico, em que os modos fantástico e de horror podem ser identificados em meio ao escopo racionalista, o qual, paradoxalmente, também envereda em hipóteses e explanações que adentram o território do insólito. Busca-se, assim, uma maneira inusual de se perceber olhares acerca do sobrenatural, também a partir da narrativa e das teorias/efeitos do fantástico.

## **Palavras-Chave:**

narrativas pseudocientíficas; fantástico; horror; insólito.

**D**e acordo com o escritor brasileiro Bráulio Tavares, a literatura brasileira, ainda hoje, continuaria desenvolvendo tentativas de domesticar o realismo, prescindindo do gênero ou modo fantástico ao longo dos séculos: “Nossa literatura, vista em conjunto, pretende enxergar o Brasil, imaginar o Brasil, extrair de nossas experiências contraditórias uma imagem plausível do Brasil” (TAVARES, 2003, p. 18).

A máxima endossa o estatuto de verossimilhança buscado entre nós até mesmo durante o movimento romântico. Se as modalidades imaginativas românticas (fantástico, horror, etc.) constituíram uma tônica em âmbito literário europeu, no Brasil, foram justamente as modalidades miméticas da mesma estética (romance histórico, melodrama, nativismo, etc.) que fecundaram a imaginação de nossos escritores, a ponto de o crítico Antonio Candido evidenciar o “realismo” de nosso Romantismo em diversas passagens de sua *Formação da Literatura Brasileira*. Podemos acrescentar a este realismo romântico brasileiro a inexistência de uma acendrada precursividade gótica e mesmo ultrarromântica, modalidades que enformaram, com dinâmicas muito particularizadas, o surgimento do modo fantástico em âmbito literário europeu. É certo que a Literatura brasileira registra flertes com a *graveyard poetry*: lembremos, entre outros, dos poemas do baiano Domingos Borges de Barros (1780-1855), autor de *Os túmulos*; e do pernambucano José Natividade Saldanha (1796-1830), conhecido personagem da Confederação do Equador e autor de vários sonetos “sepulcrais”. Da mesma forma, há comprovados artefatos líricos ultrarromânticos espalhados pela obra completa de autores como Álvares de Azevedo (“Eutanásia”), Junqueira Freire (poema “O misantropo”), Laurindo Rabelo (“O que são meus versos”), etc. e contos fantásticos que hoje podem ser lidos em várias antologias. Por outro lado, tais experiências não endossaram uma continuidade, não constituíram uma preferência e sabemos de toda a negatividade relacionada à crítica e aos leitores da etapa oitocentista brasileira (e primeiras décadas do século XX) no que toca, por exemplo, à recepção de *Noite na taverna*, excelente novela gótico-byroniana, *avis rara* no contexto nacional, rechaçada pelo decoro classicista presente não apenas nos estudos analíticos mas mesmo nos prefácios e produção poética dos próprios autores românticos brasileiros.

Da mesma forma que o gótico e o ultrarromântico, é escassa a presença dos modos fantástico e de horror, compreendidos em um plano mais abrangente e não apenas em sua plasmação oitocentista, em âmbito literário nacional, ainda que obras-primas possam ser encontradas. Em meio a esta exiguidade, uma série de livros publicados no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, hoje praticamente esquecida nos meios acadêmicos, na qual temáticas que se aproximam do horror e do fantástico são trabalhadas com escopo “científico”, sob o prisma da chamada parapsicologia, apresenta interessantes narrativas em que o insólito se presentifica, ao apresentar o mundo a partir de eventos que rompem com a lógica cotidiana. Insólito empírico do ponto de vista da parap-

sicologia, insólito ficcional se tomarmos essas narrativas como construções do imaginário, ambos os olhares repercutindo o deslocamento do real instituído, em busca de revisões acerca do mesmo. Em meio ao deserto de publicações fantásticas e de horror na literatura brasileira, penso que tais produções não devem ser de todo esquecidas.

Da mesma forma como Marie-Claude Lambotte, em livros como *Le discours mélancolique – de la phénoménologie à la métapsychologie* e *Esthétique de la mélancolie*, analisou o discurso clínico sobre a melancolia e entrevistou vários pacientes depressivos tendo em vista compreender uma possível *retórica melancólica*, amalgamando análise científica e procedimentos ligados à narrativa, poderemos observar nos temas e recursos narrativos dos casos que buscam retratar e compreender o que a parapsicologia associa aos fenômenos de telergia (movimentação de objetos, aparições espectrais, poderes oriundos de funções desconhecidas da mente, etc.), os liames, intersecções e hiatos em relação ao *modus operandi* do horror e do fantástico. Muitos estudos teóricos foram escritos, ressaltando-se os pioneiros *Les sources occultes du Romantisme* (1927), de Auguste Viatte e *L'âme romantique et le rêve* (1937), de Albert Béguin, em que se mostra como o Romantismo e o fantástico se inspiraram no magnetismo animal e no mesmerismo para a construção de diegeses, mas, por outro lado, os elementos ficcionais presentes em textos “científicos” ainda estão à espera de análises teóricas, especialmente, quando os mesmos se aproximam da narrativa ficcional para endossar suas explicações técnicas. Autoras mais recentes, como Irène Bessière e Irlemar Chiampi, também associaram o surgimento do fantástico ao debate de ideias científicas tanto nos contextos setecentista e oitocentista, como no atual. Chiampi (2008) cita o “aproveitamento estético” das discussões “de caráter científico e para-científico”, o qual, “depois de 1830, renova-se com a influência da neuropatologia, do magnetismo, da parapsicologia”, com o intuito de criação de enredos e formas para contos fantásticos e de horror; enquanto Bessière (*apud* Chiampi, 2008) assinala que o modo fantástico na contemporaneidade “volta a prosperar ao contato de outras influências (biologia, física nuclear, espiritismo, telepatia, etc.)”, ressaltando-se a percepção da época de sistemas oriundos do período oitocentista, a exemplo do espiritismo.

Roger Bozzeto (2007), por sua vez, num artigo cujo título é bem esclarecedor, “Reflexões sobre o estatuto dos textos com efeitos de fantástico” cita o vasto repertório de narrativas que também levou a cabo os ditos “efeitos de fantástico”, pensando o mesmo “como objeto transhistórico, que abarcaria em seu bojo uma multidão heterogênea de textos vindo de épocas e culturas diferentes, provocando efeitos da mesma forma distintos”. O teórico lembra ainda que, independente das intencionalidades extratextuais e empíricas que lhes precedem, “os textos são objetos concretos, que existem materialmente, como os objetos do mundo, no mesmo grau que as mesas, ou os automóveis” (BOZZETO, 2007, p. 7).

Estabelecidos os contatos básicos entre a literatura de cunho insólito e as inquirições científicas e pseudocientíficas de ontem e hoje, bem como a possibilidade de se analisar literariamente textos que não foram originalmente escritos com tal intencionalidade, cumpre agora nos determos num dos livros da série referida anteriormente, uma obra de parapsicologia publicada em 1980 pelas Edições Loyola (SP), sugestivamente intitulada *Casas mal-assombradas*, para observarmos como a pretensa visada científica apresenta pontos de contato com a ficcionalidade.

O livro foi escrito por Edvino A. Friedrichs, segundo os créditos biográficos, membro e Sócio-fundador do Centro Latino-Americano de Parapsicologia, também licenciado em Filosofia e Teologia. Numa das folhas iniciais da obra vemos a inscrição: “Com aprovação eclesiástica”, que busca ressaltar aos leitores o fato de que as pesquisas ligadas à Parapsicologia têm o aval da Igreja católica, sendo os principais participantes do referido Centro de estudos, em sua maioria, eclesiásticos (o próprio Friedrichs é membro da ordem jesuítica). Contudo, a preocupação científica de *Casas mal-assombradas* é sempre ressaltada, tendo em vista a necessidade de não confundi-la com obra de inspiração religiosa, sendo mesmo refratária a outros sistemas de crença, “as diversas modalidades de espiritismo, curandeirismo e charlatanismo”, como informa um texto na orelha do livro, escrito pelo Pe. Quevedo, outro conhecido defensor da existência dos fenômenos de telergia, diretor do Centro Latino-Americano de Parapsicologia e autor de inúmeras outras obras da área.

O próprio Quevedo, no “Prólogo”, afirma que o livro é “pictórico” e “mais interessante que uma boa novela” (QUEVEDO, 1980, p. 5), ressaltando-lhe os aspectos narrativos. “Pictórico” no sentido de que apresenta uma série de quadros, ou casos estranhos que o Pe. Friedrichs teria analisado *in loco* e, posteriormente, transformado em histórias que se sustentariam do ponto de vista do interesse ficcional, caso se tratassem de enredos imaginativos: “Uma antologia de casos ‘incríveis’, mas reais” (QUEVEDO, 1980, p. 6), como se assevera. O autor do livro corrobora o fato, realçando o aspecto pictórico pelas contingências econômicas:

Teria desejado fazer um livro com muitas ilustrações, como seria para desejar num assunto de tal natureza, mas desisti, porque isso tornaria o livro muito caro e pouco acessível aos bolsos dos que mais dele necessitam. Em compensação, procurarei ser pictórico nas descrições. (FRIEDRICHS, 1980, p. 7)

A literariedade de *Casas mal-assombradas* poderia ser experienciada de duas maneiras: a) a partir da análise, individualizada ou comparativa, das inúmeras narrativas curtas que constituem as descrições de casos sobrenaturais, no intuito de avaliar os procedimentos e conteúdos ligados ao insólito: dentre os procedimentos, observa-se, por exemplo, a recorrente tentativa de verossimilhança ligada à escrita jornalística dos casos, transcrições de falas em entrevistas, etc.; dentre os aspectos conteudísticos, a expressiva apresentação de

fenômenos de telergia que teriam as mesmas características espectrais dos enredos fantásticos e de horror, etc.; b) a partir de uma subversão da intencionalidade da obra para o plano da diegese: *Casas mal-assombradas* aparecendo como uma espécie de romance fragmentário, composto por uma série de micronarrativas costuradas pelas análises de um narrador homodiegético, que configurariam um amplo painel ligado ao sobrenatural e às tentativas de sua desmistificação. O narrador, claramente um religioso, sob este prisma se aproximaria do personagem tipo das narrativas policiais, cujas análises acuradas e olhar detetivesco tentam dar cabo de uma série de enigmas que aos poucos vai sendo desconstruída. Contudo, paradoxalmente, muitas dessas explicações também enveredam no território do sobrenatural, constituindo quadros tipicamente todorovianos de “sobrenatural explicado”, ora ligados ao estranho, ora ao maravilhoso.

Os episódios que compõem *Casas mal-assombradas* registram casos assustadores que afetaram famílias em vários lugares do Brasil ao longo das décadas de 1970 e 1980, surtos de aparições e fenômenos sobrenaturais até certo ponto *comuns*, como evidenciam as inúmeras matérias jornalísticas da época, algumas vezes com características de histeria coletiva, épocas em que os programas de tv davam ampla cobertura a fenômenos de mediunidade e paranormalidade.

Inicialmente, tem-se o relato, híbrido entre o registro jornalístico e a narrativa literária (aspectos cronotópicos, diálogos, exploração de fatos sinistros, etc.) e, em seguida, um “Comentário” sobre os fenômenos aparentemente sobrenaturais, explicados pelas exegeses parapsicológicas. O formato se repete em todas as histórias, gerando, como dito, quadros explicativos que não se apartam de um imaginário sobrenatural.

De início, a história/caso intitulada “Tudo o que havia em casa voava”, já revela os aspectos gerais da obra. Há o narrador homodiegético que vai até a pretensa casa mal-assombrada e toma uma série de notas (geralmente afirmando isso), que é elencada logo nos primeiros parágrafos. Em seguida, o foco é redimensionado para a descrição dos fatos, sob a ótica de quem deles participou (às vezes, em modalizações múltiplas), ocasião em que o primeiro narrador ora assume o *grau zero*, ora chistosamente reaparece tecendo comentários a respeito dos fenômenos, tentando deslustrá-los (nestes momentos, avulta a historicidade da obra, ao se ressaltar aspectos ideológicos do catolicismo frente aos – então crescentes – movimentos espíritas e religiões de matriz africana, comprometendo por vezes a própria isenção “científica” da parapsicologia). A história comumente é iniciada dando-se relevância aos fatos insólitos, após a descrição dos aspectos empíricos citados anteriormente:

[...] Numa segunda-feira, à tardezinha, começaram a perceber que caíam pedras no telhado da casa. Isto durou até às 23 horas. Meu irmão, que ficou vigiando todo esse tempo sem pegar nenhum “moleque” que atirasse essas pedras, tijolos etc., foi chamar a polícia, que por sua vez não encontrou ninguém. Lá pela meia-noite, meu irmão, que estava escondido para pegar o

desconhecido que jogava as pedras, viu que saiu de um barranco, à sua frente, um torrão que se esparramou diante dele. Ao verificar isso, notou que não eram garotos, mas qualquer coisa de extraordinário [...]. (FRIEDRICH, 1980, p. 25)

O teatro do sobrenatural e do extraordinário passa então a constituir o centro das atenções: primeiramente, com o intuito de se causar espanto ou horror e, em seguida, de se utilizar da lupa detetivesca. O insólito está lá, não é negado; ao contrário, quando não se prova a pura mistificação gerada por indivíduos sem caráter (mais uma prova das relações empíricas destas épocas com eventos sobrenaturais), sua fenomenalidade é endossada como crível, numa espécie de *mirabilia* que possibilita a existência de leis naturais ainda desconhecidas pela mente humana. Contudo, o estranhamento causado pela dinâmica das mesmas assegura continuamente a plasmação do horror, que também é trabalhado do ponto de vista da ficcionalidade. Observemos outro momento narrativo em que a ambiguidade fantástica se presentifica, na história intitulada “Somente alucinações acústicas”:

Os padres Capuchinhos, precisando de Irmãs para auxiliarem na catequese e outros trabalhos da paróquia, convidaram as Irmãs de São José de Garibaldi para fundar um colégio em Lagoa Vermelha. A Revma. Irmã Provincial aceitou o pedido e enviou algumas Irmãs para essa fundação.

Para o começo foi construído um colégio de madeira, até, mais tarde, podem construir outro melhor. Durante três anos as Irmãs trabalhavam ajudando na Igreja, dando aulas, catequese, elevando o nível religioso daquela gente.

Tudo ia relativamente bem. Abriram também um internato com grande número de alunas. Foi então que começaram a aparecer fenômenos assustadores e misteriosos, que, porém, foram percebidos e ouvidos somente pelas Irmãs e não pelas internas.

À noite, quando tudo estava envolto em silêncio, pelas 11 horas, achando-se as Irmãs ao redor da mesa, lendo e corrigindo os trabalhos escolares, ouviam passos de um homem de botas e esporas a passear ali por perto, a ponto de estremecer a mesa. As irmãs se entreolhavam assustadas e não sabiam o que era.

Quando iam para a cama, ouviam uma como que manada de cabras correndo pelos corredores, as carteiras das salas de aula pareciam virar de pernas para o ar; o barulho era tal que ficavam apavoradas, mas nada viram na realidade. Acontecendo que uma Irmã se levantara de noite e, descendo a escada, parecia que um saco de batatas ou um colchão viesse rolando atrás dela. A superiora ouvia em sua cela barulhos esquisitos, como se alguém girasse uma vara de ferro na parede, outras vezes como se um bando de pássaros passasse voando [...] (FRIEDRICH, 1980, p. 28)

Observa-se que o medo é trabalhado aqui a partir de inquietação física/sensorial e também intelectual, gerada pela dúvida, procedimentos paradigmáticos do modo fantástico. Em outras palavras, apesar de buscar reconstituir um fato empírico, extratextual, o excerto, a exemplo do que acontece em diver-

sas outras narrativas de *Casas mal-assombradas*, trabalha o medo “em acepção intratextual, ou seja, como um *efeito discursivo* (um modo de...) elaborado pelo narrador, a partir de um acontecimento de duplo referencial (natural e sobrenatural)” (CHIAMPI, 2008, p. 53 – grifo da autora). Este duplo referencial também configura o tablado em que se dará o embate todoroviano a partir do qual poderá florescer o fantástico, compreendido como evento sobrenatural a se contrapor frontalmente ao universo pacífico da ordem burguesa, ou, nas palavras da mesma crítica, “como em toda narrativa fantástica, a falsidade lúdica das premissas improváveis é sustentada pela motivação realista, cuja mediação assegura o efeito chocante que o insólito provoca num universo reconhecível” (CHIAMPI, 2008, p. 57).

Em muitas outras histórias o mesmo acontecerá, provando os intertextos ficcionais dos modos fantástico e de horror em narrativas pseudocientíficas. No capítulo “Assombração que quase mata”, que narra um caso ocorrido em Casca (RS) em janeiro de 1976, muitos fatos estranhos e grotescos são registrados por moradores de uma casa mal-assombrada. Montículos de terra com flores do jardim aparecem na cama das crianças; quadros se movem nas paredes; estátuas desaparecem ou são encontradas a distâncias longínquas (uma apareceu pendurada num cipó, em meio a floresta); esterco surge dentro de pães; crucifixos se partem; quatro moças, filhas da família, dormindo, apanham arranhaduras de varas, atiradas sobre elas; frequentemente duas dessas filhas acordam com os cabelos completamente entrançados, ligadas uma à outra, etc. No capítulo “O estranho fenômeno de Passo Fundo” uma criança é vítima de constantes agressões de seres invisíveis (sofre mordidas pelo corpo; banhos gelados de baldes que surgem “do nada”; vários objetos voam em sua direção com intuito de machucá-la; não consegue calçar os sapatos, pois os mesmos saltam para fora dos pés e se arremessam às paredes; e o correspondente de um jornal que havia ido ao local para escrever matéria sobre essas agressões, viu o garoto ser violentamente jogado ao solo da cadeira onde se encontrava sentado para ser fotografado). Em “Assombração em Sorocaba, SP”, os móveis se elevam no ar e caem com estrondo; um pneu de caminhão eleva-se do chão e fica suspenso a um metro de altura, sem apoio aparente; guarda-roupas e mesas se movem, elevam e tombam com violência. Muitos fenômenos se assemelham entre si, gerando estranheza e horror pelo fato de que os objetos parecem agir por conta própria, tivessem ganho vida (lembramos das teorias ligadas ao *unheimlich* desenvolvidas por Jentsch e Freud a respeito de características humanas em objetos inanimados), a exemplo do que ocorre no conto fantástico “Quem sabe?”, de Maupassant. O mesmo se dá no início do capítulo “Um quebra-quebra geral”, de *Casas mal-assombradas*:

A partir das 23 horas da primeira sexta-feira de um mês, uma pensão no número 70 da Rua Agassiz se tornou um pequeno mundo fantástico. Depois que a primeira leiteira voou e se espatifou no chão, as 21 pessoas que moram no lugar viram copos, pratos, vasos, cinzeiros e enfeites de louça se lançarem de onde estavam para arrebentarem-se das mais diferentes maneiras.



Na pensão pouco resta do que seja quebrável [...]. Mesmo os vidros dos poucos quadros que restaram quebraram. Algumas moças dizem mesmo que as coisas já começam a sair dos guarda-roupas e das gavetas do primeiro andar para caírem no térreo (FRIEDRICHS, 1980, p. 53).

Atrelada à geração da vida, os objetos parecem agir como se norteados por uma paradoxal agressividade: ganha-se a vida e atenta-se contra a mesma. O já referido conceito de *unheimlich* freudiano também é gestado através de associações com casas mal-assombradas, *locus* perfeito para o jogo dialético entre o familiar e o estranho, de onde brota a impressão de que algo sinistro poderá incorporar as coisas que há pouco permaneciam na atmosfera do familiar (vale ressaltar que num dos ensaios literários do livro *Prénoms de personne*, dedicado à análise do conceito de estranho/inquietante em Freud, Hélène Cixous [1974] afirma que o texto freudiano, de cunho psicanalítico, acabaria também se “contaminando” pela própria temática que busca deslindar, tornando-se “estranho”, noutra exemplo de texto de viés científico aberto à ficcionalidade).

Outras narrativas revelam fenômenos espectrais, a exemplo de “Aparição de um vulto enorme”, que, apesar de curta, também envereda em aspectos ficcionais ligados ao insólito. Leiamos um trecho:

Querendo chamar Dona Aparecida, não o consegui, porque sentiu que alguma coisa lhe fechava a garganta. Ao virar-se para o outro lado, na cama, apareceu-lhe um vulto, uma pessoa que passava diante dos olhos dela como uma sombra. A seguir ouviu passos como se o Sr. Jair, o dono da casa, se houvesse levantado e caminhado para a cozinha, o que de fato não aconteceu [...].

Jair e eu estávamos deitados quando ouvimos ambos nitidamente uma voz cansada, dando suspiros bem fortes. Ao cabo de algum tempo, o menino Wilmar, de três anos, mexeu-se na cama e eu fui olhar e nisso dei de frente com um vulto enorme, uma figura gigantesca de homem, de cor escura, que parecia chegar até o teto. Comecei a rezar, pedindo a Deus que me ajudasse e me protegesse contra qualquer perigo. Mal terminei minha oração, ele desapareceu, saindo pela porta do quarto que estava fechada. Isto sucedeu no sábado. No dia imediato, domingo, escutamos batidas semelhantes [...]. Abro os olhos e vejo uma mulher estender um pano preto sobre o Jair... Nesta altura gritei e comecei a chorar [...].

Há meio ano, estando na cama, o quarto escuro, abro os olhos e vejo uma lanterna que iluminou em parte o quarto, mas o pior de tudo foi o que vimos e ouvimos no sábado e domingo passado. De tanto pavor fomos dormir na casa de meu pai. (FRIEDRICHS, 1980, p. 62-63)

O uso do presente contínuo é um procedimento típico das narrativas fantásticas que, além de dar veracidade ao texto, gera o retardamento da ação com o visor de se criar o suspense. O excerto revela outra modalização do fantástico, a saber: “a criação de uma impressão específica [que] não se dá como mero derivado mecânico do acontecimento narrativo [...], mas como resultado



de uma atmosfera que registra o calafrio diante do mistério” (CHIAMPI, 2008, p. 53). Desse modo, devemos observar as elipses através das quais a narrativa acopla o processamento do texto ao leitor, gerando não apenas expectativa mas também colaboração na criação de sentidos. Em nenhum outro momento do texto se explica o que constituiria este “pior de tudo” associado às aparições sobrenaturais, abrindo espaço para aquele procedimento caro a autores como H. P. Lovecraft, que em sua teoria do horror literário fala da necessidade de “uma certa atmosfera inexplicável e empolgante de pavor de forças externas desconhecidas” (LOVECRAFT, 2007, p. 17).

Outra história que visa despertar o horror pode ser encontrada no capítulo “Uma vítima do ambiente”, em que se narra o caso de uma criança “dotada”, ou seja, motivadora de “fenômenos extranormais de telecinesia” (FRIEDRICH, 1980, p. 85), segundo o jargão parapsicológico:

A pequena Isabel A.C. era, sem dúvida, a paciente mais popular do Hospital “Casa da Criança”, em Tupã, SP. E bem merecia esta popularidade. Desde o dia em que foi internada no pavilhão de psiquiatria, consideravam-na “caso especial”, devido aos estranhos acontecimentos que com ela se passavam.

Os vestidos e roupas de cama só aguentavam poucos minutos sobre seu corpo; ela os rasgava e jogava no chão, e note-se bem que isto sucedia apesar de sua completa imobilização, amarrada com correias próprias para segurar doentes mentais. A pequena doente, portanto, permanecia nua sobre a cama.

Quando lhe foi servida a comida, o prato levantou-se no ar, derramando o seu conteúdo. Um chinelo voou para fora do quarto, caindo no corredor. Mais tarde, um banquinho de plástico se levantou um metro e meio aproximadamente, sendo lançado contra a parede com tal violência que se partiu em pedaços. Anéis e alianças colocados em seus dedos também ficavam deteriorados: à vista de todos dobravam-se, deformavam-se, inclusive quando a cliente permanecia com os dedos abertos e estendidos. Um dos médicos, que confessa ter ficado impressionado, já que poucos dias antes lera o livro “O Exorcista”, mandou colocar um crucifixo na sala. Se não fizesse bem, mal não faria. Poucas horas depois uma enfermeira apavorada via o crucifixo estalar, soltar-se da parede e cair no chão [...] (FRIEDRICH, 1980, p. 93)

Além da clara intenção de se gerar estranheza a partir de eventos e imagens insólitas, o excerto mostra a influência que a estética de horror passava a operar em âmbito empírico. O filme norte-americano *O exorcista* (1973), um dos mais lucrativos do gênero horror de todos os tempos, assistido por milhões de pessoas em todo o planeta, como informa Noël Carroll, fez com que essa estética adentrasse o universo do entretenimento e possibilitasse toda uma demanda não apenas cinematográfica, mas também literária: “seu público deixou de ser especializado, ampliou-se, e os romances de horror foram se tornando de acesso cada vez mais fácil” (CARROLL, 1999, p. 14). O roteiro do filme, que aborda a possessão demoníaca de uma garota de doze anos, foi escrito por William Peter Blatty, baseado em livro homônimo de sua autoria, publicado em 1971 e traduzido no Brasil um ano depois, com amplo sucesso

de vendas e sucessivas edições (diz-se que a editora Nova Fronteira publicou a primeira edição do famoso *Dicionário Aurélio* com o lucro da venda de *O exorcista*). Na diegese do livro de Blatty, anomalias semelhantes às que ocorrem com a garota Isabel são registradas: barulhos estranhos saem do teto, um vestido que ela buscava surge em lugar inesperado, profanações de símbolos cristãos, a escrivanhinha parece estar se movendo em vários momentos do dia... Um dos médicos citados no excerto da obra de Friedrichs anteriormente havia lido o *best-seller* de Blatty: vejo no caso um interessante e válido intertexto, a ser explicado pelo narrador homodiegético como evidência de sugestão. Mas as coincidências e intertextos não param por aí: se em *Casas mal-assombradas* há um narrador homodiegético que se identifica como religioso e parapsicólogo, no livro de Blatty vemos o personagem do padre Karras, que também é psiquiatra, o qual, unindo sua crença espiritual ao conhecimento científico, tentará compreender os fenômenos sobrenaturais que acontecem em torno da jovem Regan. Para isso, ambas as diegeses fazem uso dos embates entre as explicações naturais e sobrenaturais típicas do fantástico:

A complexidade da confirmação da possessão de Regan deve-se a diversos fatores. Uma vez que Karras é psiquiatra, ele imediatamente busca explicações naturalistas. Sua investigação também deve seguir o procedimento da Igreja, de forma que ele tem de certificar-se de que os critérios estabelecidos para a possessão foram satisfeitos sem nenhuma ambiguidade. (CARROLL, 1999, p. 157)

Ao fim e ao cabo, *O exorcista* confirmará a possessão diabólica de Regan, possibilitando, numa leitura todoroviana, a irrupção de novas leis na natureza e a quebra do fantástico, ainda que permaneçamos no âmbito do insólito. Como se verá adiante, a explicação do texto de Friedrichs, com sua própria dinâmica, negará o sobrenatural ligado às potências infernais ao tempo que oferecerá uma outra explicação sobrenatural. Em todo o caso, será mantida, de certa forma, nesta e em outras narrativas de *Casas mal-assombradas*, o que Carroll chama de “enredo de descobrimento complexo”, entrevisto no jogo detetivesco de analisar e associar os fenômenos sobrenaturais pela ótica do *logos*. Tal enredo inclui “a irrupção, o descobrimento, a confirmação e o confronto”, exemplificado “em inúmeras histórias de horror, de toda espécie” (CARROLL, 1999, p. 158). De fato, dá-se o mesmo nas narrativas da obra de Friedrichs. No capítulo “Tiro de trabuco para espantar fantasmas, demônios e malfeitores”, diversas interpretações para os fatos insólitos são elencadas, de acordo com o prisma e características associadas a personagens-tipo distintos (o fazendeiro, o cidadão, o padre, o delegado, o promotor, o pastor, o professor, o médico), que refletem a dinâmica do texto no sentido de potencializar os elementos contraditórios ligados à literatura fantástica. Como lembra Chiampi, “o fantástico contenta-se em fabricar hipóteses falsas (o seu ‘possível’ é improvável), em desenhar a arbitrariedade da razão, em sacudir as convenções culturais, mas sem oferecer ao leitor, nada além de incerteza” (CHIAMPI, 2008, p. 56).

Por outro lado, na quase totalidade dos relatos, a explicação do sobrenatural é construída a partir do olhar do narrador homodiegético, que une a metafísica cristã ao pragmatismo parapsicológico. Num determinado momento do livro, este afirma: “Eu mesmo tenho presenciado fatos que, jamais, em dias de minha vida, teria imaginado reais, como conto na presente obra” (FRIEDRICH, 1980, p. 125), gerando o *mise en abyme* da perspectiva diegética (um personagem de narrativas insólitas que diz escrever um livro semelhante) e nos antecipando a lógica de suas elucubrações a respeito do sobrenatural. Vejamos, por exemplo, as análises que enumera a respeito dos fenômenos que acontecem entre as freiras do Colégio Rainha da Paz, referidos anteriormente, os quais, por sinal, deram origem a um exorcismo:

Incluo este caso, que me foi apresentado como sendo de “casa mal-assombrada”, quando de fato nada tem de parapsicológico, por não ser um fenômeno autêntico de efeitos físicos. Muitas vezes, para esclarecer um conceito ou um fenômeno, se diz o que ele não é, para com este contraste ressaltar tanto mais claramente o que ele realmente é [...].

Na mesma linha vão os relatos sobre “as botas e esporas, a manada de cabras, as carteiras que pareciam virar, o saco de batatas e outros barulhos esquisitos”... Todo esse conjunto não apresenta nenhum fenômeno de telergia. Dá a impressão nítida de ser pura alucinação acústica daquelas Irmãs, contagiadas pelo medo do que uma contava para a outra. Nem sequer uma autêntica tipologia se pode provar, se bem que não queira excluí-la de todo. Dir-se-ia ser tudo alucinação.

Conclui o relato dizendo que “O Sr. Bispo encarregou um padre para fazer um exorcismo... ficou pálido, pediu outros dois para lhe ajudar; após três meses de penitência fizeram o exorcismo, lá de suas residências, e tudo acabou”. Salta aos olhos que o padre ficou impressionado, dominado pelo medo. Dois colegas padres ajudando, animou-se mais, após três meses.

Quem entende de psicologia e parapsicologia vê, de imediato, o fator sugestão que está no fundo de todo esse processo. Vencido o grande inimigo, o medo, os fenômenos cessaram automaticamente. Tudo isso foi comunicado logo às Irmãs que, por seu turno, também perderam o medo, e a partir de então nada mais ouviram.

Religiosamente falando, faltou confiança na bondade divina, tanto para os padres quanto para as Irmãs. Deus não tem o mínimo interesse em nos torturar. Ele nos quer ver alegres e felizes como queridos filhos seus e futuros herdeiros do céu. Deus não dá tanta margem de atuação aos demônios, que foram legião, na palavra dos padres atemorizados. Com que base teológica podem sustentar tal opinião?

Somente no seu sentimento de temor subjetivo. As Irmãs, por sua vez, de tanto trabalhar no início, ficaram esgotadas e nervosas, e por isso começaram a ouvir esses barulhos estranhos...

Paulo VI afirma que o demônio nos pode influenciar somente por via moral, espiritual e imperceptível, mas não física... (FRIEDRICH, 1980, p. 29-30)

O longo excerto resume o imaginário do narrador homodiegético. Ele se apresenta como padre, geralmente termina suas consultas parapsicológicas rezando e ofertando a palavra cristã aos moradores de alguma suposta casa

mal-assombrada, sempre atento às sugestões que o medo pode provocar. No caso acima, envereda numa explicação que, segundo a teoria todoroviana, plasmava o estranho, relacionando os fenômenos sobrenaturais a uma espécie de delírio coletivo gerado pelo conúbio entre cansaço e medo. A profilaxia religiosa, da mesma forma que as explanações pseudocientíficas da parapsicologia, se apresenta como outra forma de sublimar o medo do sobrenatural:

A causa das ocorrências não se encontra em nada daquilo que os assustados moradores supunham: em espíritos maus do outro mundo, espíritos encostados, almas penadas, exus ou demônios.

São duas pessoas da própria família que engendram tais fenômenos. É a mãe, que é nervosa e dominada pelo pavor, causando nela um desequilíbrio físico-psíquico. Neste estado emocional ela desprende uma força física chamada telergia, que atua sobre os objetos: tais como pedras, ou algo parecido, água... produzindo batidas, ruído de bolinhas e outros mais, força essa dirigida pela psicobulia do subconsciente da mãe, outras vezes da filha, Jurema, ou então, em determinadas ocasiões, pelo polipsiquismo das duas, em conjunto.

Expliquei isso a elas, dando-lhes toda a garantia de aqui não entrar sequer em cogitação qualquer interferência do “além”.

Animei-as à fé e confiança em Deus, fiz um relaxamento neuromuscular com as prováveis causadoras dos “enfeitiçamentos”, justamente para estabilizar essa atmosfera de tranquilidade e, por fim, rezamos juntos um Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória para pedir e garantir a especial proteção de Deus. Dei-lhes a minha bênção de sacerdote católico, e minha missão para aquele dia estava cumprida.

Um mês mais tarde fiz uma visita à referida família e, com satisfação, fiquei sabendo que tudo se normalizara. (FRIEDRICH, 1980, p. 72-73)

Não deixa de ser uma espécie de exorcismo, a via logocêntrica das explicações parapsicológicas associada à crença religiosa. Por outro lado, como afirmado, tal via não é pacífica, já que tais explicações não seriam endossadas por expressiva parcela da comunidade científica. Como acreditar, do ponto de vista da ciência contemporânea, em acontecimentos que são narrados como reais por Sudre, e corroborados como fatos científicos na introdução do livro de Friedrichs?:

Sudre, no seu “*Traité de Parapsychologie*”, Paris, Payot 1956, pp. 276 e ss., afirma existirem casos de força excepcional, onde a força é bem maior. Stainthon Moses fez elevar-se uma mesa pesada de acaju, que dois homens só com dificuldade conseguiram deslocar. Home provocou a elevação de um piano. Ochorowicz e Lebidzinski viram, em pleno dia, um harmônio, que pesava mais de 100 quilos, deslizar sobre um tapete. (FRIEDRICH, 1980, p. 12)

Tais exemplos são relatados para se comprovar a dinâmica e alcance dos fenômenos telecinéticos, ou “forças físicas da mente”, como explicita o título de um livro do Pe. Quevedo. No momento em que analisa os incêndios inexplicáveis que ocorriam dentro de uma casa, o narrador de *Casas mal-assombradas* se embasa novamente numa ciência problemática:

Trata-se de um caso parapsicológico de telergia, chamado termogênese ou pirogênese. Termogênese, quando produz somente calor; pirogênese, quando produz fogo. Pelas descrições supras o leitor percebe, à primeira vista, tratar-se de um fogo dirigido, como se fora comandado por alguém, manejando um maçarico. Queimou em determinado ponto, e, logo em cima, ao lado ou embaixo, permaneceu tudo intacto, sem sinal de queimadura. Incontestavelmente, um fogo diferente. (FRIEDRICHS, 1980, p. 82)

“Um fogo diferente”, contudo, aceito de forma pacífica: é assim que se explicita o sobrenatural sem nomeá-lo, ou então, de certa forma, naturalizando-o. Na primeira acepção, o leitor não adepto da parapsicologia se aproximaria do maravilhoso todoroviano, já que, para os adeptos, os fenômenos telérgicos promoveriam uma estranha junção entre *realia* e *mirabilia*, lembrando também alguns prismas do que Chiampi analisa como características do realismo maravilhoso, quando

A sobrenaturalidade de um fenômeno é aparential; o suposto fantástico recebe uma explicação científica [...] que, se lhe dispensa o inverossímil, não lhe subtrai o aspecto prodigioso ou insólito [...]. A relação entre o signo narrativo [...] e o referente extralinguístico [...] é postulada com uma perspectiva *realista*, ou seja, o relato [contém] essa combinatória imanente ao real. (CHIAMPI, 2008, p. 37 – grifo da autora)

Entrar no âmbito do “extraordinário”, segundo a ótica do narrador homodiegético, equivale a tomar consciência de que a natureza também é capaz de engendrar aspectos ainda não compreendidos pela racionalidade. A anormalidade fantástica também é pacificada pela raridade e singularidade de tal mecânica, cujo teor e timbre científicos não querem dar origem a quaisquer aporias. Observe-se algumas conceituações entremescladas à narrativa:

A telecinesia é o movimento de objetos por telergia ou ectoplasma, isto é, por uma força parapsicológica física e material. É um fenômeno extranormal, de efeitos físicos. Telecinesia é o fenômeno como tal, telergia é a força, guiada e transformada pela mente inconsciente, através da qual se realiza a telecinesia. Quando a telecinesia chega a ser visível ou mesmo tangível, por bem dizer, a denominamos de ectoplasma. Telergia é, pois, uma força física ou psicofísica, dirigida pela mente inconsciente. (FRIEDRICHS, 1980, p. 10) A protagonista emite sua energia somática, corporal, e é esta energia que bate nas paredes e janelas, move objetos, produz uma luz frequentemente muito brilhante, faz-se visível, plasmando pessoas ou objetos. Essa energia é posteriormente reabsorvida pelo organismo do dotado, cessando assim o fenômeno, isto é, silenciam os golpes, desaparece a luz, param de se mover os objetos, desaparece o fantasma. Quando esta energia se manifesta com batidas nas janelas, paredes etc., denomina-se tiptologia; quando move objetos, telecinesia; quando produz uma luz, fotogênese; quando se torna visível, ectoplasma; quando plasma pessoas ou objetos, fantasmogênese e ecto-coloplasma. (FRIEDRICHS, 1980, p. 42)

Contudo, por mais que sejam fundamentadas numa *práxis* científica e realista, as explicações parapsicológicas se encontram no território do insólito. A certa altura, comentando a existência dos “aportes” (desmaterializações e materializações de objetos em lugares distintos), o narrador conta a história de um conhecido seu que disporia de um poder inaudito:

Tenho um amigo, cinquenta e dois anos de idade (em 1972) que, em determinadas ocasiões, enxerga através de corpos opacos. Quando adoentado, goteja forte remédio na sua vista, afetada por uma anomalia, fazendo-se presente o estranho fenômeno.

De dez metros para frente não há, então, obstáculos para sua visão, muito embora se interponham paredes grossas e toda ordem de corpos sólidos e opacos.

Ao contemplar as pessoas em uma praça, por exemplo, do piso mais elevado de algum edifício, esse meu amigo consegue, após momentos de concentração, ver somente os esqueletos a perambularem na região. (FRIEDRICHS, 1980, p. 10)

Este caso é apresentado em toda a sua estranheza mas sem gerar inquietação, recurso utilizado em muitos contos das correntes neofantásticas que têm a obra de Franz Kafka como paradigma. O mesmo se dá na “explicação científica” [*sic*] para o caso “Assombração em Sorocaba, SP”, citado anteriormente:

Deparamos aqui com diversos fenômenos: elevação, deslocamento e o movimento de móveis, talheres, etc.; copos e garrafas se espatifam no chão; Francisco percebeu fortes batidas nas janelas, fenômeno esse que se chama tiptologia; viu também um pneu de caminhão elevar-se do chão e ficar suspenso a um metro de altura [...].

Pois bem. Há em casa uma pessoa fortemente dotada de faculdades parapsicológicas, provavelmente a ex-médium, ou então algum dos seus seis filhos, ou alguma empregada ou, o que é menos admissível, o marido Francisco, ou enfim, diversos entre eles por polipsiquismo, oriundo do contágio do ambiente ou sugestão coletiva. Esse dotado, como sempre, sofre de um desequilíbrio físico-psíquico, e em dado momento porpício desprende uma telergia, capaz de produzir qualquer dos fenômenos supramencionados, pois todos, sem exceção, são de efeitos físicos. (FRIEDRICHS, 1980, p. 90)

Da mesma forma, o estranho caso da garota Isabel, de “Uma vítima do ambiente”, é analisado a partir de provas e argumentos que não teriam aval da ciência tradicional:

O caso se enquadra bem dentro das normas clássicas. Como tantas vezes temos repetido, a imensa maioria dos casos parapsicológicos de efeitos físicos são produzidos por moças no período da puberdade. Isabel tinha na época, em 1973, catorze (14) anos. Por outra, se a protagonista é vítima de um desequilíbrio psíquico na época em que se manifestam os fenômenos, este caso vem mais uma vez confirmar a nossa tese.



Com efeito, a pequena tinha motivos mais do que suficientes para sua neurose, pois era este o diagnóstico dos médicos. É que o pai da menina tinha assassinado a mãe anos antes, em sua presença, e ela guardava uma horrível lembrança do crime. Outro dado significativo era a conduta do pai, que era dono de um bar na zona do meretrício. Costumava levar para sua casa mulheres de má-conduta, organizando orgias na presença mesma dos filhos.

O ambiente de sexualidade desenfreada, unido à natural crise sexual própria da adolescência, justificam plenamente que a dramatização do inconsciente, ao produzir os fenômenos, fosse de fundo nitidamente sexual. Antes de ser internada na cidade em que reside, Isabel já havia manifestado outras vezes, inclusive em plena rua, o fenômeno de que as roupas se rasgassem “sozinhas”

Todos os fenômenos deste caso são de telergia, isto é, de efeitos físicos. (FRIEDRICH, 1980, p. 93-94).

A nomenclatura “científica” e mesmo as explicações empíricas relacionadas ao trágico histórico familiar da criança não elidem o fato de que, mesmo amarrada, suas roupas se rasgam sem que ninguém as toque e os crucifixos são arremessados das paredes sem causas aparentes. A lupa detetivesca sempre tenta afastar o fantástico, com a explicação do estranho ou do maravilhoso (de maneira muitas vezes semelhante às possibilidades inverossímeis que Todorov entrevê no Jean Potocki do *Manuscrito encontrado em Saragoça*), como se pode ver no “Comentário” de mais um dos muitos casos registrados no livro. Apesar de longo, proporciona uma boa noção acerca das meticulosas inquiuições do narrador acerca da presença ou não do sobrenatural:

Façamos desfilar os números que precisam de algum comentário explicativo a mais, para orientação das pessoas não-enfrentadas nesses fenômenos.

*Quanto ao número 2:* Pode ter havido truque consciente ou inconsciente. O filho forçou a porta da cristaleira e tirou o relógio. Falo na possibilidade de um truque inconsciente, pois realizei o teste de sensibilidade dele e se revelou um sensível do mais alto grau; por conseguinte, pode ter momentos de auto-hipnose, onde ele não se dá conta do que faz e depois não se recorda de nada, numa amnésia total.

Mas, e o paradeiro do relógio? Eis o enigma que nos intriga, e que persiste... Todos afirmam que os objetos desaparecem frequentemente sem vestígio. Nunca mais se localizam. Para onde vão? Ninguém sabe. Poderia aqui haver um truque ou até uma mitomania, isto é, dizer patologicamente uma inverdade, sem querer, uma mentira, sem se dar conta.

*Quanto ao número 3:* Como se verifica, há uma série de casos onde o objeto desaparecido foi reencontrado. Nem sempre há sumiço total.

*Quanto ao número 9:* Teríamos aqui um aporte violento, pois no dizer dos inquilinos da casa foi achada a porta a 300 (trezentos) metros, no quintal. Trata-se de um evidente exagero, pois o quintal (que eu vi) é pequeno. Creio que nem chega a 150 metros.

*Quanto ao número 11:* Fato incrível, mas juram ser realidade. O filho afirma ter apanhado tijoladas e pedradas que o feriram. Com um dotado pode dar-se esse raro fenômeno, não, porém, com os demais da casa, não sendo dotados de faculdades parapsicológicas, a não ser por rebote. O desespero,



a frustração que o filho experimenta em certos dias, fazem inconscientemente atrair contra si esses objetos projetados por ele mesmo. Será uma autopunição, um masoquismo ou a ideia do suicídio que vai surgindo paulatinamente?

*Quanto ao número 13:* Um caso de pirogênese, se ninguém meteu fogo consciente ou inconscientemente [...]

*Quanto ao número 16:* É um caso de pneumografia e sugestão. Pneumografia são impressões, escritos ou desenhos em paredes, no chão, em papéis e objetos duros produzidos por telergia [...]

*Quanto ao número 20:* Mostraram e fotografamos uma pedra de seguramente uns 50 quilos, que certo dia caiu no meio da sala, causando um estrondo como se a casa viesse abaixo. Ao tentar, não consegui deslocá-la e muito menos erguê-la. O fenômeno não tem explicação, pois, normalmente, deveria ter causado um enorme buraco, o que parece não ter sucedido. Esqueci-me de examinar detidamente esse pormenor. O caso todo se me afigura fantástico e irreal.

*Quanto ao número 23:* Trata-se de uma porta pesada e grande. Se for realidade mesmo, o que ponho em dúvida, seria um aporte fenomenal [...]

*Quanto ao número 26:* Os botijões são encontrados no quintal, a uns 20 metros de distância.

*Quanto ao número 28:* Aqui pode ter-se originado uma alucinação, devido ao cansaço e à sugestibilidade dos dotados, conforme o teste que realizei na oportunidade.

*Quanto ao número 29:* Belo caso de aporte, pois as roupas voltam de 4 a 5 quilômetros de distância. Asseveram eles, com a mais absoluta certeza, que ninguém as trouxe nessas ocasiões...

Como se vê, há ainda muitos enigmas a decifrar. Com efeito, entre o céu e a terra ainda há muitas coisas que a nossa fragmentária ciência não conseguiu apurar. Há ainda muito mistério neste nosso planeta. (FRIEDRICH, 1980, p. 134-135)

Se, do ponto de vista da ciência empírica, boa parte das explicações parapsicológicas não poderia se sustentar, o mesmo não se dá no âmbito da diegese, que as torna plenamente *críveis*. O intertexto final hamletiano do excerto assegura simbolicamente o insólito e os efeitos fantásticos presentes em muitas narrativas de *Casas mal-assombradas*, o olhar pseudocientífico se rendendo à consciência de que não pode abarcar todas as coisas. Excetuando-se as mistificações e sugestões, muitos fenômenos sobrenaturais permanecem em sua integridade, ambiguidade e mistério, segundo o próprio narrador. Este, ao fim e ao cabo, aparece como típico personagem fantástico quando diminui as fronteiras da verossimilhança ao sugerir várias possibilidades interpretativas a partir de uma visão de realidade que não se sustenta:

Um dispositivo narracional clássico do texto fantástico – o narrador que se erige em testemunha e conta uma história já sucedida – ocupa-se em registrar realisticamente o fenômeno insólito, para obter a credibilidade do leitor. A notação tátil [...]; visual [...]; olfativa [...]; auditiva [...] e até as referências científicas [...] – tudo se presta ao projeto de dar crédito ao prodígio. Tanto o saber como as evidências sensoriais visam a interditar as deformações da subjetividade, mas a realidade neles investida é de uma perspectiva *falsamente tética*, posto que o efeito de real construído pelo discurso é simultaneamente desconstruído pelo efeito de fantástico. Assim, o discurso justapõe às asseverações do real, as notações da sem-razão, da não-causalidade, com epítetos que recortam a categoria do sobrenatural. (CHIAMPÌ, 2008, p. 57-58)

Tais elementos ambíguos propõem novamente os efeitos do insólito e da fantasmagoria, aquela “passagem de limite e de fronteira” (CESERANI, 2006, p. 73), compreendida como saída da dimensão do cotidiano para o perturbador, que atesta novamente toda a contaminação que os relatos de *Casas mal-assombradas* tiveram dos modos literários do fantástico e do horror.

## SENA, A. FANTASTIC FICTION IN SPECTRAL PSEUDOSCIENTIFIC NARRATIVES

### **Abstract**

*This article intends to explore the connections with fiction present in spectral pseudoscientific narratives in ways that the fantastic and the horror can be identified through the scope rationalist, which, paradoxically, also engage in hypotheses and explanations that they enter in the territory of the unusual. The aim, thus an unusual way of perceiving looks about the supernatural, also from the narrative and theories/effects of the fantastic.*

### **Keywords**

*pseudoscientific narratives; fantastic; horror; uncanny.*

### **Referências**

- BOZZETTO, R. Réflexions sur le statut des textes a effets de fantastique. In: SIMÕES, M. J. O fantástico. Coimbra: FACULDADE DE LETRAS, 2007. p. 7-22.
- CARROLL, N. A filosofia do horror ou os paradoxos do coração. Campinas: PAPIRUS, 1999. 319 p.
- CHIAMPÌ, I. O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano. São Paulo: PERSPECTIVA, 2008. 180 p.
- CIXOUS, H. Prénoms de personne. Paris: SEUIL, 1974. 331 p.
- FREUD, S. O estranho. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 328 p.
- FRIEDRICH, E.A. Casas mal-assombradas: fenômenos de telergia. São Paulo: LOYOLA, 1980. 237 p.
- LOVECRAFT, H. P. O horror sobrenatural em literatura. São Paulo: ILUMNIURAS, 2008. 125 p.
- TAVARES, B. Nas periferias do real ou o fantástico e seus arredores. In: TAVARES, B. Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros. Rio de Janeiro: CASA DA PALAVRA, 2003. p. 7-18.
- TODOROV, T. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: PERSPECTIVA, 2007. 188 p.

